

COLONIALIDADES E RELAÇÕES DE PODER: VALIDADE DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

NICOLAS LOPES¹; JULIA CLASSEN²; ALINE ACCORSSI³

¹*Universidade Federal de Pelotas – nicolas_010203@outlook.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clsenjulia1@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca, por meio da obra “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (1994), refletir acerca da validade do processo de formação de conhecimento, atravessado pela colonização, que condicionou regiões fora do eixo Ocidental aquém da formulação do conhecimento. O diálogo teórico entre Paulo Freire (1994) e os pensadores Frantz Fanon (2020) e Edward Said (1979), para além de percorrer outros teóricos, propõe um rompimento com a estrutura de dominação presente na formulação de conhecimento, desde uma percepção geopolítica do Sul-Global.

2. METODOLOGIA

Para atingir tais objetivos, mediante às disciplinas ministradas no meu curso - Relações Internacionais -, consegui mesclar educação e decolonialidade. O recorte deste tema surgiu a partir da participação que tive em um fórum de estudos com leituras em Paulo Freire, onde percebi que a temática do livro relacionava com questões decoloniais, sobretudo com Fanon. Após a leitura de “Pedagogia do oprimido”, produzimos um resumo expandido para publicação em evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cerne da reflexão aqui proposta, está no que é legítimo e o que não é na produção e circulação de conhecimentos entre o Sul Global e o Ocidente. A partir da observação do enraizamento ideológico articulado na concepção coletiva, com vistas a naturalizar as relações de dominação. Apagando seu caráter histórico e justificando a opressão e a exploração, através do ideal desistoricizado sobre a realidade (Martín-Baró, 2017).

A reflexão deriva de uma análise bibliográfica do livro “Pedagogia do oprimido” (Freire, 1994), tendo como texto complementar “Pós colonialismo e teorias não-ocidentais” (Guimarães, 2015), que trazem paradigmas e conceitos dos autores Frantz Fanon e Edward Said.

A escolha pela junção desses autores se manifestou a partir de um desejo de relacionar a teoria de Freire, entre a contradição da relação opressor-oprimido, com um assunto vigente do campo das Relações Internacionais: o pós-colonialismo. Dialogando assim, com a abordagem pós- colonial (de Said) e decolonial (de Fanon).

Relacionar o pensamento de Freire com autores como Fanon e Said, nos permite aprofundar uma discussão, a partir de outras perspectivas, sobre a estrutura colonial e suas influências tanto na produção de conhecimento quanto na reprodução de comportamentos. O autor Guimarães (2015), ao trazer o pensamento de Fanon (2020), discorre acerca da “natureza da subjetividade” e da “formação do sujeito colonizado na situação colonial”, para justificar sobre como determinados padrões do homem são na realidade subjetividade do colonizador.

Ele se molda segundo o mestre branco, colocando uma “máscara branca” mal- ajustada, ou mais precisamente um conjunto de máscaras que refletem papéis que o homem branco deseja que o homem negro desempenhe. Todo problema da identidade, na visão de Fanon, é a falta de uma identidade clara para o colonizado (Guimarães, 2021, p. 175).

Ao situar a produção de saberes no cerne desta relação, podemos pensar, junto a Paulo Freire (1994) a contradição opressor-oprimido expressa na construção colonizada do conhecimento. Ou seja, uma relação formativa que reflete na concepção do colonizado enquanto mero receptor de ideias, desejos e saberes culturais. Enquanto o colonizador é o único que possui o poder de depositar esses saberes.

A consciência colonizada é assim uma retratação da sombra do colonizador na formação subjetiva do colonizado. Convencendo os oprimidos da sua incapacidade de produzir saberes, segundo critérios impostos e convencionados pelo opressor, como da sua busca por se aproximar daquilo que é ideal, segundo os interesses coloniais.

A pedagogia disfarçada de uma atitude nobre, quando na verdade parte do interesse dos opressores, usa o oprimido como objeto de altruísmo e se caracteriza como egoísta, é o que Freire (1994) qualifica como instrumento de desumanização, pois ela reforça a manutenção da opressão.

Esse comportamento, por sua vez, é algo transgeracional, ou seja, é reproduzido de geração para geração e cria a sensação de posse. Segundo Freire (1994), ao mesmo passo em que dominar gera a ânsia de criar, gera também a apropriação da ciência e da tecnologia como fim para esse meio. Isso, de algum modo, condiciona a manutenção da ordem e manipula os oprimidos, mantendo-os segundo a finalidade dos opressores. Conforme Fanon (2020), para exemplificar a influência da subjetividade, o antilhano negro tem para si próprio que é o civilizador, como branco ou também, como explorador que traz a verdade. Subjetivamente ele se porta como branco, porém o choque vem à tona quando em uma experiência na Europa, por exemplo, ao falarem de negros, ele entenderá que se trata tanto dele quanto de um senegalês.

Tanto Fanon quanto Freire, tratam em suas obras a todo momento dessa contradição presente entre colonizador-colonizado e opressor-oprimido, respectivamente. Frantz Fanon (2020), aborda o quão a identidade do colonizado depende da aprovação do colonizador. Na ausência de identidade, o colonizado busca o reconhecimento e identificação como branco pelo próprio branco. Ao mesmo passo em que para Paulo Freire (1994), os oprimidos são tidos como objetos e/ou “coisas” à vista do opressor, definidor do seu destino e lugares

previstos na sociedade. No que se refere ao conhecimento, Freire exemplifica, como supracitado no início, que o conhecimento através da educação se dá por meio do ato de depositar. De acordo com Freire, “Os educandos são os depositários e os educadores os depositantes” (1994. p. 33). Esta é denominada modelo “bancário” da educação. Nessa concepção de educação, o “saber” é transmitido aos que sabem e os que nada sabem. Em um paralelo com essa visão, outro autor pós-colonial (Edward Said) que aborda a questão do conhecimento quando comparado a sua validade do Ocidente para o Oriente. Said, no seu livro intitulado “Orientalismo” trabalha a questão árabe no Ocidente. Sinteticamente, o Orientalismo pode se distinguir de duas maneiras: concerne em (I) àqueles que ensinam, pesquisam e estudam acerca do Oriente; (II) modo de pensamento, numa dicotomia entre Ocidente e Oriente. Enquanto o primeiro seria o campo da razão e produção de conhecimento, o segundo seria o universo do exótico e/ou do “diferente”.

A partir disso, a superação da colonização do pensamento se daria em decorrência do protagonismo dos povos do Sul Global. Seria necessária, portanto, o protagonismo nas suas narrativas em detrimento da tratativa como coadjuvantes e objetos de teorização. O que o Ocidente sempre fez foi teorizar sobre e ocultar perspectivas não-ocidentais. Evidenciar a voz do Sul Global permite a ampliação da ciência e também rompe com estereótipos e a essencialização criados anteriormente.

4. CONCLUSÕES

Em suma, foi proposto, ao longo desta reflexão, questionar sobre, como o conhecimento é entendido como “diferente”, sobretudo por influência do colonialismo. Com a obra de Paulo Freire, principalmente, que ensejou a elaboração desse trabalho, o paradigma da educação na fomentação do conhecimento se mostrou no decorrer do livro na relação opressor-oprimido, sendo o segundo subordinado ao primeiro. Já Fanon trata da subjetividade do colonizado em detrimento do colonizador. Isto é, seus comportamentos, formação do pensamento e modo de ver as coisas ao seu redor com direta do homem branco; Said, por sua vez, traz a problemática do tratamento do Oriente como ambiente exótico e que não é validado na produção de conhecimento pelos ocidentais. Contudo, a resposta ao desafio do que o colonialismo resultou em suas várias esferas, de acordo o debate aqui levantado, só seria possível mediante a horizontalidade, ação popular dos oprimidos, a autonomia - que Said tece a sua crítica - mais o poder da própria narrativa e a revolta, a qual Fanon exprime que os colonizados se dariam conta da desigualdade e resultaria, então, na busca pela inserção no mundo.

Freire enfatiza a importância da conscientização, que envolve a conscientização das estruturas de poder e opressão que permeiam a sociedade. O autor acredita que a educação deve capacitar as pessoas a entender e questionar essas estruturas, de modo que possam se tornar agentes de mudança na sociedade. Em vez de apenas receber conhecimento passivamente, devem ser incentivados a participar ativamente na construção de seu próprio conhecimento, utilizando a educação como uma ferramenta para a libertação e a transformação do mundo. Em síntese, é preciso situar a centralidade da educação, desde uma perspectiva emancipatória e dialogada, enquanto meio para promoção de questionamentos e da formação da consciência crítica, destacando a relação entre teoria e prática, como Freire (1994) já menciona, através da práxis revolucionária, como meio de

fomentar a participação ativa e a busca por Ser Mais, intrínseca ao processo de humanização e libertação dos sujeitos e das comunidades oprimidas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUIMARÃES, Feliciano de Sá. **Teoria das relações internacionais**. 1ª edição. Editora: Contexto, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Ubu Editora, 19 de novembro de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso**. 17. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1994.

MARTÍN-BARÓ. (1942-1989). **Crítica e libertação na Psicologia**: estudos psicossociais. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 122 – 150.